

SIGNIFICADOS ACERCA DA MORTE E DO MORRER PARA UMA FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL: DIÁLOGOS COM FERDINAND RÖHR E KEN WILBER

ANA CLEIDE DA SILVA

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: anacleide.silva@ufpe.br

MARIA SANDRA MONTENEGRO SILVA LEÃO

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: sandra.montenegro@ufpe.br

RESUMO

O fenômeno da morte ainda é um assunto tabu, de modo que não há substanciais reflexões acerca da finitude em espaços sociais e educacionais. A morte e o morrer é uma temática que tem sido discutida no meio acadêmico, em geral, no campo da saúde, porém, na área da educação a discussão ainda carece de maior ampliação. Este artigo é parte de um trabalho de pesquisa em desenvolvimento e tem como objetivo principal compreender como os significados e as implicações da morte e do morrer influenciam na vida de servidores da Universidade Federal de Pernambuco. A perspectiva teórica está ancorada na integralidade do ser, de modo que vida e morte não são etapas distintas, mas estão interligadas dentro do mesmo fenômeno chamado vida e faz parte do nosso processo formativo. Trazemos uma análise crítica do estado de conhecimento produzido até o momento do fenômeno em tela. Finalizamos considerando que se faz necessário o desenvolvimento de uma educação em espaços formais e não formais, que aborde o fenômeno do morrer para que a vida seja melhor desenvolvida, que se possa atribuir potências positivas ao percurso da existência.

Palavras-chave: Morte. Morrer. Formação Humana. Espiritualidade.

ABSTRACT

The phenomenon of death is still a taboo subject, so there are no substantial reflections on finitude in social and educational spaces. Death and dying is a theme that has been discussed in academia, in general, in the field of health, however, in the area of education, the discussion still needs further expansion. This article is part of a research work in progress and its main objective is to understand how the meanings and implications of death and dying influence the lives of servers at the Federal University of Pernambuco. The theoretical perspective is anchored in the integrality of the being, so that life and death are not distinct stages, but are interconnected within the same phenomenon called life and is part of our training process. We bring a critical analysis of the state of knowledge produced up to the moment of the phenomenon in question. We conclude by considering that it is necessary to develop education in formal and non-formal spaces, which addresses the phenomenon of dying so that life can be better developed, so that positive potencies can be attributed to the path of existence.

Keywords: Death. Die. Human formation. Spirituality.

INTRODUÇÃO

A morte como certeza da vida. E embora saibamos dessa máxima, vivemos como se não fôssemos morrer, levando-nos a uma fuga, um adiamento sobre uma reflexão acerca disso, como afirma Kovács “[...] não acreditamos em nossa própria morte, agimos como se ela não existisse, fazemos planos para o futuro, criamos obras e filhos, imaginamos que estes perpetuarão o nosso ser”.¹

A educação para a morte poderia ser abordada numa perspectiva interdisciplinar, a partir de tenra idade. Para que, assim, desde a fase infantil a criança pudesse considerá-la e aprender a conviver com a realidade da impermanência de todos. A morte deveria também ser mais discutida dentro dos lares, onde os valores são construídos, e é onde, muitas vezes, também se encontram as maiores preocupações acerca da realidade do morrer. A morte de alguém que é mantenedor, provedor de família, requer estratégias de enfrentamento da morte que nem sempre foram desenvolvidas ao longo da vida, tais como, educação emocional, planejamento estruturação familiar e financeiro.

Uma educação integral que possa contemplar a temática da morte, possibilitando reflexões sobre a finitude, ou seja, educar-se para a morte e o morrer. Poder ampliar e aprofundar as discussões que hoje, já existem, quando a dimensão espiritual é contemplada nesse processo. A espiritualidade e as lentes religiosas atravessam a temática da morte, onde aliás, a mortalidade tem um pouco mais de espaço para discussão. Os representantes religiosos, ao longo da história, sempre tiveram grande influência e participação no momento no rito de passagem da morte. Daí, um dos prováveis atravessamentos da morte com a religião.

Estudos, especialmente, na área de saúde, debruçam-se em investigar o binômio espiritualidade e religiosidade em variadas perspectivas, como para o enfrentamento de doenças crônicas, ansiedade, depressão²,³, vivência do luto⁴, como recurso terapêutico⁵, onde a morte “ronda” e faz-se presente nas discussões atravessando processos que compõem a vida.

Para esse trabalho temos como suporte as teorias dos pesquisadores Ferdinand Röhr e Ken Wilber. A formação humana defendida pelo professor Röhr⁶ é um processo de humanização, no sentido do aspecto espiritual, que é o aspecto mais sutil, das cinco dimensões básicas mencionadas anteriormente, sendo o espiritual como o aspecto norteador nesse processo. Ken Wilber, filósofo estadunidense, defende uma visão

de integralidade demonstrada na teoria dos Quatro Quadrantes. Sendo dois Quadrantes do lado esquerdo, esses contemplam os aspectos interiores do sujeito, subjetividades e aspectos culturais e dois Quadrantes do Lado Direito que abarcam os aspectos exteriores do humano, objetividades. Esse estudo é relevante no âmbito acadêmico porque a morte ainda é um assunto tabu. Muito embora, felizmente, possa ser percebido um maior interesse pela temática. Porém, dentre os existem diversos trabalhos de pesquisa, artigos, a área predominante é a área de saúde.^{8,9,10,11} Contudo, percebemos carência de expansão na discussão sobre a morte e o morrer nos mais variados ambientes, incluindo o campo educacional.

Esse artigo é uma extração de uma pesquisa que está em curso na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Trata-se de um estudo que se justifica pela importância de ampliar a discussão sobre a morte e o morrer entre os servidores da UFPE, a fim de podermos contribuir com o processo de dar voz aos colaboradores sobre sua compreensão do viver a partir da perspectiva da certeza da morte. Aproximando o objeto das rodas de conversas, dos diálogos familiares e dos âmbitos profissionais, do processo de educação de si, de filhos e afins. Entendendo como uma maneira de reconhecer que todo o esforço no sentido de tirar o assunto morte da marginalização poderá agregar mais conhecimento, conscientização e transformação do ser, alinhado a ações que sejam estruturadas para um processo de educação para a morte. Assim, o **propósito** central da pesquisa é compreender como os significados e as implicações da morte e do morrer influenciam na vida de servidores da UFPE. Sendo a educação para a morte um caminho possível, considerando a integralidade do ser, na qual abarca o aspecto espiritual no contexto de uma formação humana.

EDUCAÇÃO PARA A MORTE: UM CAMINHO POSSÍVEL NA PERSPECTIVA DA ESPIRITUALIDADE E INTEGRALIDADE NO CONTEXTO DE UMA FORMAÇÃO HUMANA

A noção básica de espiritualidade parte da crença de que essa dimensão é inerente ao ser. O despertar para o aspecto espiritual é uma busca pessoal, íntima, cada pessoa perceberá o momento do “chamado”. A relação com o sagrado, os questionamentos existenciais poderão ser os gatilhos, por assim dizer, para esse encontro consigo, com a maneira de viver as experiências humanas. Inclusive, as algumas experiências podem

servir de condutoras para a atenção a essa dimensão mais sutil, portanto, menos materializada.

A ESPIRITUALIDADE E UMA FORMAÇÃO HUMANA SOB O OLHAR DO EDUCADOR RÖHR

A formação humana num direcionamento integral vai considerar um sujeito que não é apenas um corpo, que não percebe o mundo apenas pelos cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato), que não se resume aos sentimentos e ainda, que não está limitado ao que pensa. Mas que acresce a todos esses elementos a dimensão espiritual, a qual é “indizível” e irá refutar qualquer lógica que desconsidere o quão esse ser apresenta complexidades, subjetividades, sendo assim, seu processo formativo num sentido de humanizá-lo precisa encontrar metas educacionais que contemplem todas as dimensões, que consigam dar o suporte para as diversas situações que a vida oferece.

No conceito abarcado pelo pesquisador não se pode formular um processo formativo humano, integral, multidimensional sem a presença dos aspectos que compõem a dimensão espiritual, que é uma dimensão sutil, que necessita de um esforço pessoal e intransferível. “[...] A nossa proposta enquadra-se na preocupação de uma Educação que busca a integralidade humana. Ela insiste, especialmente, na inclusão da espiritualidade do homem”.⁷

Röhr^{6,7} enfatiza que alguns recursos são necessários para testemunhar a espiritualidade, uma vez que, a linguagem é insuficiente para descrevê-la e que a sutileza que lhe é peculiar não permite uma percepção robusta, clara, objetiva. Está no campo da subjetividade a espiritualidade. É particular. É íntimo. Requer na crença de sua existência, e além disso, que se comprometa com ela. Isso significa que haverá uma busca diária, um esforço constante em manter coerentes o pensar, o sentir e o agir.

É inegável a dificuldade de implementação de uma educação que amplie seus horizontes numa direção que convida o indivíduo a olhar-se com mais profundidade, que orienta a sentir, pensar e agir coerentemente, que incita a rever a relação com os outros, com a natureza, que acredita que o humano tem em si aspectos que não podem ser mensurados, avaliados, tais como a fé, o amor, a intuição. Interessante perceber que apesar de reconhecer que trata-se de uma proposta com obstáculos a serem vencidos na lida diária dos sujeitos direta e indiretamente

envolvidos ao mesmo tempo é grande, é rica por ter em sua essência o objetivo de tocar o que há de mais humano no homem.

No campo da educação, a busca pelo equilíbrio, para a auto-transformação, a compreensão de si mesmo, estimula o educador ao desenvolvimento de virtudes. A paciência pedagógica faz esse movimento virtuoso de entendimento, onde embora o educando possa demonstrar dom para determinadas áreas, isso não deverá ser motivo de afastamento do educador do objetivo primeiro de uma educação que atenda às necessidades de cada dimensão. “[...] Não adianta conseguir, através da educação, formar um grande cientista, se a sua ciência não se direciona para uma maior compreensão do humano e criação de suportes para seu aperfeiçoamento”.⁷ Todos esses elementos configuram, embasam e corporificam à teoria de Röhr sobre a formação humana que é compreendida como um processo educativo da integralidade do ser em comunhão com a multidimensionalidade, na qual está contida, dentre as dimensões básicas, especialmente, a inclusão da dimensão espiritual. Röhr⁷ afirma que

Somos nós, na nossa dimensão espiritual, que, num sentido mais profundo, humanizamos a imanência. Encontramos o sentido da vida nessa tarefa. Humanizar a nossa vida em relação a nós, aos outros e à natureza, a partir de uma unificação das múltiplas dimensões que fazem parte de nós, incluindo a espiritual, é a realização humana.

Segundo Röhr¹² é necessário comprometer-se com a dimensão espiritual que tem princípios como a liberdade, a verdade e o amor incondicional. Tais princípios fazem parte da espiritualidade e não da materialidade física. Em sua concepção, todas as dimensões são matérias, classificadas como sutis e densas. As dimensões mais densas, também conhecidas por imanes, influenciam com mais facilidade as mais sutis, também chamadas de transcendentais. Contudo, o inverso acontece mas com menos influência ou mais lentamente. Fato é que uma dimensão equilibrada ou em desequilíbrio interfere nas outras positiva ou negativamente.

Dentre as dimensões densas, denominadas pelo teórico de imanes, encontram-se a física que abrange tudo relacionado à nossa corporalidade, a sensorial compreendida em nossos cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato) e a emocional que abarca todos os nossos aspectos psicológicos, a mental entendida como o racional, o lógico. Na dimensão sutil, encontra-se a espiritual, chamada de transcendente, ou

seja, transcende a realidade de verificação, exceto quando há comprometimento incondicional, incluem-se nessa dimensão os valores éticos, metafísicos. Contudo, essas dimensões são básicas. Para além delas, Röhr destaca dimensões temático-transversais que atravessam, perpassam as básicas, a prático-laboral-profissional, a comunicativa, a relacional-social, a sexual-libidinal, de gênero, a ecológica, a ética, a místico-mágico-religiosa, para citar algumas.

A filosofia que o professor Röhr sustenta está fortemente vinculada ao campo pedagógico. Sua construção teórica está ancorada no processo formativo do ser humano, de maneira integral e que, portanto, ressalta a dimensão espiritual como parte fundamental para o alcance desse propósito, uma vez que, os princípios éticos servem de base para orientação e transformação das ações do homem. Para o educador, quanto mais atenção e conhecimento da própria espiritualidade, melhor tende a ser sua prática pedagógica, tendo em vista, que sua visão do outro, neste caso do educando, tende a ser mais ampliada. Comprometido com a formação integral do ser, o educador considerará aspectos tais como a verdade, a liberdade do ser humano. Nas palavras de Röhr ¹² “refletir espiritualidade implica, no nosso pensar, levar em consideração a integralidade do ser humano”. Essa busca do ser consiste em não descuidar de nenhuma das dimensões, o que aliás, é trazido pelo autor como condição necessária para atentar-se ao aspecto espiritual, o fato de dar atenção às demais dimensões.

ENXERGANDO A ESPIRITUALIDADE NA VISÃO INTEGRAL DE KEN WILBER

Para Wilber ¹³ a compreensão da espiritualidade pode ser diversa, apresenta definições variadas e com profundas diferenças, como por exemplo, a crença de que o desenvolvimento espiritual acontece por meio de estágios. No entanto, a perspectiva da espiritualidade acolhe os modos de pensar sem que percam a veracidade nem a capacidade de inclusão em modelos que abordem a integralidade. O pesquisador aborda cinco definições de espiritualidade:

Eis aqui as definições mais comuns: (1) A espiritualidade envolve os níveis mais elevados de qualquer uma das linhas de desenvolvimento. (2) A espiritualidade é a soma total dos níveis mais elevados das linhas de desenvolvimento. (3) A espiritualidade é, ela mesma, uma linha de

desenvolvimento separada. (4) A espiritualidade é uma atitude (tal como a sinceridade ou o amor) que você pode ter em qualquer estágio em que esteja. (5) A espiritualidade, basicamente, envolve experiências de pico, e não estágios.

A visão da integralidade do ser apresentada por Wilber ¹⁴, trata de uma abordagem sistêmica. No mapa integral contemplado por “todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados e todos os tipos” (do inglês AQAL), os quadrantes simbolizam: no Superior Esquerdo (SE) a representação do EU, relacionado à consciência, ao intencional; no Inferior Esquerdo (IE) o NÓS, a visão de mundo, a cultura; no Superior Direito (SD) o ISTO e sua relação com o cérebro e o organismo e no Inferior Direito (ID) o ISTOS representando o sistema social e o ambiente. Dessa forma,

Todos os quatro quadrantes apresentam crescimento, desenvolvimento ou evolução. Portanto, todos eles apresentam algum tipo de estágios ou níveis de desenvolvimento, não como degraus rígidos de uma escada, mas como ondas que fluem e se desdobram naturalmente.

A abordagem integral defendida por Wilber ¹⁵ está ancorada no Sistema Operacional Integrado (SOI), do inglês Integral Operating System – IOS. Esse também chamado de mapa integral tem cinco elementos: quadrantes, níveis, linhas, estados e tipos. Os quadrantes são representados pelo “EU” (self e consciência), “NÓS” (cultura e visão de mundo), “ELE” (cérebro e organismo) e “ELES” (ambiente e sistema social). Os níveis ou estágios do desenvolvimentos são diversos, no entanto, no modelo integral contam entre 8 a 10. Quanto às linhas de desenvolvimento, essas representam as múltiplas inteligências. Os estados de consciência têm grande diversidade, dentre os quais o autor cita os naturais (vigília, sonho, sono profundo), os estados meditativos (prece contemplativa, meditação, Yoga), os estados alterados (indução por drogas) e experiências de “pico” (atividades intensas). Sobre os tipos o autor divide em masculino e feminino.

Interessante perceber que embora os períodos da pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade tenham trazido contribuições para o desenvolvimento humano, empobreceram o processo com as dissociações, pela crença de detenção da verdade absoluta, desconsiderando

toda e qualquer outra possibilidade de ser e estar no mundo. O que leva ao distanciamento de uma visão de mundo integrada.

Um aspecto fundamental a se pensar sobre a espiritualidade, trata-se de vivê-la com autenticidade, necessário que essa prática espiritual seja verdadeira, sincera e sob esse aspecto é preciso considerar os estágios. Isso implica afirmar que a evolução, o desenvolvimento espiritual segue um fluxo holárquico, integrativo e não é possível que, de maneira permanente, seja alcançado um nível alto de consciência espiritual sem que tenha sido integrado os níveis antecessores, mais baixos, portanto. Nas palavras de Wilber “a espiritualidade autêntica não significa traduzir o mundo de maneira diferente mas, isto sim, transformar a sua consciência”.¹³

A reflexão acerca da espiritualidade está implicada com as subjetividades do ser. Comumente, os aspectos espirituais são abordados envolvendo também os aspectos religiosos. Contudo, alguns estudiosos da temática da espiritualidade apontam suas percepções e destacam as diferenças entre ambos os conceitos. Wilber¹⁴ esclarece que

[...] A ideia geral é que “religioso” diz respeito a formas institucionais de religião – seus dogmas, mitos, crenças obrigatórias, seus antigos e desgastados rituais; enquanto “espiritual” significa valores pessoais, percepção presente, realidades internas e experiência direta.

Importante observar ainda que embora não tenha comprovação substancial, segundo o autor, o mesmo elucida que apesar de não ser possível avançar de estágio sem que o atual tenha consolidado o desenvolvimento é possível adiantá-lo. Desde que o sujeito busque o contato repetitivo com os estados superiores. Ou seja, o esforço de desenvolver práticas que deem possibilitem um pouco mais de “familiaridade” com condições de superioridade da consciência permitem mais fluidez no crescimento

[...] Quanto mais conectados a *estados de consciência* autênticos e superiores estivermos – como, por exemplo, estados meditativos –, *mais rapidamente* cresceremos e desenvolveremos por meio de qualquer um *deles*. É como se o treinamento em estados mais elevados agisse como um lubrificante na espiral de desenvolvimento, ajudando-nos a desvincular de um estágio inferior para que o superior seguinte possa emergir, até permanecermos, com estabilidade e constância, em níveis mais elevados de

consciência, depois do que um estado passageiro se torna uma característica permanente. Esses tipos de treinamentos em estados mais elevados – por exemplo, a meditação – fazem parte de qualquer abordagem integral usada para a transformação.¹⁵

Somos dotados de múltiplas inteligências dentre as quais podemos citar a inteligência moral, emocional, interpessoal, espiritual, musical. Porém, Wilber¹⁵ diz que o desenvolvimento acontece de maneira irregular, ou seja, não temos bom desempenho em todas elas. Contudo, se conseguirmos perceber em qual delas “brilhamos” seremos capazes de dar “ao mundo nossos dons mais profundos”. Pensamos que a oferta de nosso melhor para o outro, para o mundo é um dos grandes propósitos do nosso processo de crescimento, num fluxo ininterrupto de dar-e-receber.

O processo de desenvolvimento no campo da moralidade, por exemplo, apresentado pelo pesquisador explica que o sujeito centrado no “Eu” (egocentrismo), a maneira de se mover no mundo acontece de maneira egoísta, voltado apenas para si. Com uma tendência de avançar para o “Nós” (etnocentrismo), onde o interesse é ampliado para a família, para o país em que vive. Quando atinge o “Todos Nós” (mundicentrismo), então o movimento do ser, a maneira de viver, de conceber a vida está ampliada para interesses não mais só de si ou de uma parte da sociedade, mas para o mundo.

Em sua abordagem integral, o pesquisador organiza práticas por módulos, os quais são divididos em centrais e auxiliares. Esses módulos irão indicar terapias para serem trabalhadas em quatro eixos: corpo, mente, espírito e sombra. O componente espiritual na noção de integralidade, reforça a importância de trazermos luz à nossa parte sombria, uma vez que, os benefícios extraídos desse trabalho são estendidos a todos os módulos centrais. Favorecendo com isso, abertura ao autodescobrimento e a autotransformação. Processos íntimos, complexos e que trazem como efeito dores emocionais. Emergem da sombra e que para possibilidades da eliminação dos sintomas, do alcance da saúde integral é portanto, necessário que sejam reconhecidas, familiarizadas, trazidas enfim, para a proximidade, para o “eu” e não afastando, dissociando para o “ele”. [...] O desenvolvimento saudável converte o eu em me; o doentio converte eu em ele, um sujeito renegado e abandonado que se esconde em meus sintomas dolorosos”.¹⁵

A prática integral é o compromisso consigo mesmo de reconstrução, de ressignificação e de validação de uma forma de compreender a vida de

maneira mais profunda. Como afirma Wilber “[...] qualquer pessoa pode reunir sua própria prática integral. A ideia é exercitar simultaneamente todas as capacidades e dimensões mais importantes do corpo-mente-humano – físico, emocional, mental, social, cultural, espiritual”.¹³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somos seres multidimensionais que evoluem a partir de múltiplas dimensões, facultar portanto, à espiritualidade seu lugar de indispensável reconhecimento para o alcance do desenvolvimento integral do ser a partir de conceitos inclusivos, holísticos, significa avançar para uma prática integral que considera os variados aspectos que compõem o ser.

A formação humana integral é uma possibilidade a qual Wilber e Röhr tem defendido em seus postulados filosóficos, neste cenário está pautada a problemática da morte, enquanto uma das dimensões da vida. Entretanto, este tema está ligado a um potencial princípio de alteridade, uma vez que vida/morte inclui outras pessoas que afetam e nos afetam por esta dinâmica interligada.

Destacamos aqui que o debate sobre a morte e o morrer não é algo individualizado, pois sabemos que, embora aconteça em um corpo, nomeado ao longo da vida como humano ou não humano, existe, entretanto, toda uma construção social em torno deste fenômeno. A forma como se percebe a importância do morrer se constitui em perspectiva diferente a depender da cultura, da história e do tempo social de cada povo. Portanto, é um aprendizado coletivo que perpassa um conjunto de seres, embora seja experienciado individualmente, tanto o momento do nascimento quanto o momento do morrer. Nenhum dos dois momentos pode ser explicitado devido as condições materiais em que cada um acontece, ou seja, o momento do nascimento representa o corpo em potência, mas ainda imaturo, não fala, não pensa, não coordena as ideias. Ao morrer, as condições são semelhantes, mas provocado pelo desgaste do físico, portanto, apesar de tempos distintos, as condições em que o fenômeno acontece incapacita o ser humano de revelar a sua experiência.

Assinalamos aqui, até o momento, que a proposta de uma educação humana integral percebe a importância da nossa compreensão coletiva e individual para esse fenômeno vida e morte, que não são binários, mas faces de um mesmo processo na existência de todos os seres – plantas, gente, bichos, ar, água. Tudo está em teia e afeta simultaneamente outros seres. Entender como podemos valorizar a existência de todos os seres é

um passo importante deste processo educativo, portanto, a proposta é de valorização da vida em sua profundidade e amplitude.

REFERÊNCIAS

1. KOVÁCS, M. J. (Coord.) **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. p.2.
2. MOLINA, Nayara Paula Fernandes Martins. **Religiosidade, espiritualidade e crenças pessoais enquanto mediadora do indicativo de depressão sobre a qualidade de vida de idosos**. Tese (Doutorado em Atenção à Saúde). Universidade Federal do Triângulo Mineiro, 2018.
3. FONSECA, Elvi Cristina Rojas Fonseca. **Avaliação da espiritualidade e religiosidade em pacientes adultos com diabetes mellitus tipo 1**. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, 2019.
4. PARENTE, N. T. A influência do coping religioso-espiritual na qualidade de vida de pais e mães, após a perda de um(a) filho(a) por causas externas. Dissertação (Mestrado em campo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.
5. ABUCHAIM, S. C. B. Espiritualidade/religiosidade como recurso terapêutico na prática clínica: concepção dos estudantes de graduação em medicina da Escola Paulista de Medicina - Universidade Federal de São Paulo. Dissertação (Mestrado em campo) – Universidade Federal de São Paulo Campus São Paulo, 2018.
6. RÖHR, F. (org.) Diálogos em educação e espiritualidade. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.
7. RÖHR, F. **Educação e espiritualidade**: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação. Campinas: Mercado de Letras, 2013. p. 20, 265, 269-270.
8. BRASILEIRO, M. S. E.; BRASILEIRO, J. E. O medo da morte enquanto mal: uma reflexão para a prática da enfermagem. Revista de Ciências Médicas,

(local, mês), 2017. Disponível em: <https://seer.sis.puccampinas.edu.br/seer/index.php/cienciasmedicas/article/view/3582>Acesso em 01 Jun. 2019.

9. COSTA, I. C.; ROCHA, A. C. D. Percepções da morte e do morrer para residentes de medicina em um hospital terciário. **Revista Ciências em Saúde** – Faculdade de Medicina de Itajubá, Minas Gerais, n.02, p. 07-14, 2017.

10. AZEVEDO, F. A. *et al.* **Significados de morte**: o discurso do sujeito coletivo da enfermagem. **Revista Ciências em Saúde** – Faculdade de Medicina de Itajubá, Minas Gerais, n.01, p. 52-58, 2016.

11. MAIA, K. A; SOANE, A. M. N. C; FORTES, A. F. A. Informar o óbito aos familiares: Significados e Sentimentos dos Médicos. **Enfermagem Brasil**, n.6, p. 323-329, 2013.

12. RÖHR, F. Espiritualidade e formação humana. Poiésis – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado – Universidade do Sul de Santa Catarina, n. Especial, p. 53-68, 2011. p. 54.

13. WILBER, K. **Psicologia integral**. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 147, p. 155, 129.

14. WILBER, K. **A visão integral**. São Paulo: Cultrix, 2008. E-book. p. 66, 175.

15. WILBER, K. **Espiritualidade integral**. São Paulo: Aleph, 2006. p. 25, 21, 183.